

ECONOMIA E IDEOLOGIA NAS CONTROVÉRSIAS METODOLÓGICAS ¹

Maria Angélica Borges ²

Na vida tem cada um sua fábrica, estes ficam aqui a levantar paredes, nós vamos a tecer vimes, arames e ferros, e também a recolher vontades, para que com tudo junto nos levantemos, que os homens são anjos nascidos sem asas, é o que há de mais bonito, nascer sem asas e fazê-las crescer, isso mesmo fizemos com o cérebro, se a ele fizemos, a elas faremos ³

Resumo: o texto situa as principais controvérsias metodológicas e enfoca a complexa relação economia, filosofia, ideologia e retórica, iluminando os estudos econômicos de Hegel analisados por Lukács. Mostra as reflexões marxianas, assim como a influência da economia política clássica na dialética tedesca. Sublinha as mediações da relação ciência e ideologia no contexto das controvérsias metodológicas, trazendo para o debate os pares dialéticos: teleologia e causalidade e liberdade e necessidade no campo da práxis, tanto do idealismo hegeliano como da síntese marxiana.

Palavras-chave: ontologia, ideologia, economia política, filosofia.

Classificação JEL: B 14

Abstract: *the text shows the main methodological controversies and focuses the complex relation economy, philosophy, ideology and rhetoric, lightening Hegel economic studies, revised by Lukács's pen. It shows, based on Marx reflections, the influence of classic politics in the German dialectics. Underling the worries about this relation, trying to understand the many ideological veils that involve such investigation. Thus, it analyses the dialectics pairs: teleology/causality and freedom/needs in searching the way to the subjective and objective idealism and the philosophy of praxis which has a materialistic profile. The text closes with the systematization on the teleology category taking into consideration its Hegel matrix to the synthesis in Marx.*

Key-words: *ontology, ideology, economics, philosophy*

JEL Classification: B 14

Introdução

Recebido em 25/09/2005. .Liberado para publicação em 25/03/2006

¹Este texto reúne várias das conclusões obtidas através do projeto de pesquisa intitulado: *Economia e Ideologia: as questões epistemológicas nas diferentes abordagens da teoria do valor*, contemplado com a Bolsa-Doutor - CEPE/PUCSP.

² **Professora titular do Departamento de Economia da FEA/PUCSP.

³ **Memorial do Convento**, José Saramago.

A problemática que envolve a discussão metodológica da análise econômica, cada vez mais, participa do debate científico no plano da teoria. Com a crise dos paradigmas e a proposta da constante revisita aos pensadores clássicos, a epistemologia assumiu e assume um papel central na Ciência Econômica.

Atentos ao debate, os principais nomes da teoria econômica oferecem contribuições sistemáticas sobre o método de investigação dos economistas e as principais nuances que compõem o cenário gnosiológico atual. Aqui foi abordada a relação da consciência com o processo de produção do conhecimento, através do par dialético: trabalho e posição teleológica, e seu imbricar com a causalidade, envolvendo esses conceitos com a temática da liberdade como consciência da necessidade nos projetos de construção do devir histórico.

Na esteira filosófica empreendida, tais reflexões desembocam na discussão da dupla dialética aparência e essência no movimento histórico do saber e do agir, criando uma teia de mediações e interações com o momento ideal e a ideologia na análise científica. Ganha corpo, também, neste emaranhado, o papel da análise e da síntese na novidade ontológica da dialética com relação à autonomia da imagem no pensamento, recolocando em bases materialistas a possibilidade da concreção das investigações realizadas.

Foram contempladas, ao longo do texto, as controvérsias pertinentes ao campo do saber. Constatou-se que: o rico cenário das controvérsias é criado a partir das diferentes angulações sociais, pertinentes na sociedade dividida por seus múltiplos interesses, desde o plano da materialidade social, atingindo as mais altas abstrações representadas nos valores universais contemplados na cultura. As propostas econômicas, mesmo quando defendidas por posturas centradas no economicismo — que insistem em se declararem protegidas por um cinto de segurança: a neutralidade axiológica —, estão impedidas, na prática, de desconhecer a teia de relações que envolvem o todo social. Sendo assim, mesmo que paradoxalmente, acabam revelando, nas suas entrelinhas, sua proposta social para além do tecido econômico. A investigação metodológica no campo da ciência econômica se faz necessária em função da importância que esta assumiu e assume dentro da teoria econômica desde o século passado.

Exemplo marcante do dito acima é a relação do pensamento hegeliano com o pensamento smithiano através da pena do escritor húngaro Lukács, no texto em que aborda a intrincada relação economia e filosofia, privilegiando como recorte os estudos econômicos de Hegel. O autor húngaro mostra, a partir das reflexões marxianas, a influência da economia política clássica na dialética

tedesca. Coloca no centro de suas preocupações esta relação, procurando levantar os vários véus ideológicos que envolvem esta investigação. Para tal, avança nos temas: idealismo, subjetivo e objetivo, e a filosofia da práxis de face materialista (LUKÁCS, 1972).

Outro investigador na esteira do materialismo, tão polêmico como o autor de *História e Consciência de Classe*, Ruy Fausto, forneceu elementos importantes para a análise gnosiológica, na medida que mostrou nos seus principais estudos os meandros do pensamento hegeliano e marxiano. Fausto construiu uma densa trajetória de discussões e produções analíticas sobre as categorias hegelianas e marxianas, relacionando, entre outros temas, a problemática do valor e a teoria do conhecimento. Nesse sentido, a análise realizada vislumbrou novas facetas no debate dentro das hostes do marxismo (FAUSTO 1997).

Na análise histórica sobre o estruturalismo, Françoise Dosse foi, também, de grande ajuda ao focalizar os principais momentos deste paradigma, inclusive na interface com a teoria econômica. Nas suas páginas, com a sua análise da Escola da Regulação Francesa e dos teóricos: Michel Aglietta, Robert Boyer, Alain Lipietz, como também nomes de outras vertentes, por exemplo: Balibar, Poulantzas e Louis Althusser, entre outros, apreende-se a densidade do debate estruturalista (DOSSE, 1992).

Já, Mark Blaug, indicação obrigatória no debate economia & produção do conhecimento, percorre a discussão sobre o método indutivo desde a visão adquirida até Popper, lembrando a influência de Hume e Mill na epistemologia da economia. Enfrenta o princípio da falseabilidade, a partir da corroboração da teoria apresentada, pois uma teoria é aceita não quando concorda com os fatos, porém, quando não se encontram fatos que a refutem. (BLAUG, 1993).

Diferentemente da postura ontológica assumida neste texto, existe nestas correntes outras abordagens da relação sujeito e objeto na busca do saber científico. A menção, aqui, é necessária, por se tratar de contraponto relevante ao discurso marxiano. Deve-se lembrar a importância singular de contemplar as diferenças dentro do debate acadêmico. Esse exercício é importante para tornar menos ingênua a comunidade científica diante dos dilemas enfrentados⁴.

Historicamente, o século XIX, segundo a análise blauguiana, via tradicionalmente a filosofia da ciência a partir de quatro pontos: consistência interna, simplicidade, completeza e generalidade de explicação. Ou seja, o talento de iluminar uma gama razoável de fenômenos e ampliar, cada vez mais, o campo investigado. Enriquecendo ainda mais as discussões, Kuhn rompe com a visão adquirida e defende a preservação das teorias, imunizando-as às críticas. A ciência apresenta-se no seu discurso como solução de problemas

⁴ Sobre esta discussão ver LETIZIA: 2003.

dentro de um arcabouço teórico; e a derrubada de uma proposta por nova descoberta científica só acontece com verdadeiras rupturas transformadoras. Portanto, a história da ciência é marcada por longos períodos, durante os quais o *status quo* é preservado, havendo, às vezes, interrupções descontínuas de um paradigma em vigor para outro, sem nenhuma ligação conceitual que estabeleça comunicação entre eles.

Lakatos participa deste debate, adicionando sua visão à tipologia de programas de pesquisa científica, divididos em degenerativo e progressivo. Já Feyerabend, com sua postura anarquista, nega a validade do método científico, sendo, na realidade, a mediação entre Popper (individualismo metodológico) e Kuhn. Neste contexto ganham corpo as diferentes visões sobre a prova (previsão e teste) das diferentes idéias, suas leis de tendência, a dicotomia entre verificacionismo e falseabilidade, a descoberta de leis causais, como também as dualidades das análises positivas e normativas. Pareto também participa da contenda, enfrentando o tema economia pura e economia aplicada, com a proposta da economia do bem-estar; e Walras teorizou os princípios da economia pura dentro da visão de equilíbrio geral (multimercado). Ou seja, um modelo e equações simultâneas definidas em termos de um grande número de variáveis endógenas. Enquanto o pensamento walrasiano separou ciência e arte, já o objetivo da economia do bem-estar era ser a ponte entre ciência positiva e arte. Neste último aspirava-se a obter condições para a otimalidade com a concorrência perfeita - automaticamente maximizaria a ophelimity coletiva (BLAUG, 1993).

A otimalidade de Pareto tem três postulados principais: a soberania do consumidor, a não-padronização e a unanimidade (realocações unânimes). Nesta teoria, todo indivíduo é contador. Sua base assenta-se no teorema da mão invisível, pois a economia do bem-estar está "acima de tudo"; logo, é a ética que nos mostra o mais desejável dos mundos. Portanto, a economia de mercado. A função do economista, para a concreção deste mundo perfeito, é apresentar a função de possibilidade, os custos e benefícios das alocações alternativas dos meios escassos (BLAUG, 1993).

Renomados autores debruçaram-se e continuam outros tantos a buscar respostas entre ciência positiva e arte normativa na economia política.

Mas, existiria um discurso exclusivo da economia? Seus eventos podem ser isolados de outros fenômenos sociais?

Os resultados da pesquisa empreendida sinalizam que não, assim como defendem que a dialética de pés materialistas constitui um marco no avanço das respostas postas por todos estes cientistas do discurso econômico.

1. Os estudos econômicos de Hegel

Uma fascinante fonte, contendo valiosas observações dialéticas, pode estar presente na investigação metodológica do pesquisador da ciência econômica, que se debruça sobre a gênese de sua disciplina. Trata-se dos escritos econômicos do filósofo alemão Georg Wilhelm Friedrich Hegel⁵, nascido em Stuttgart no século XVIII, seis anos antes da Independência dos Estados Unidos da América do Norte, esta coeva à publicação do livro *A Riqueza das Nações*, do filósofo e economista escocês Adam Smith, e a nove anos distante da tomada da Bastilha na eclosão da Revolução Francesa.

Apaixonado pela busca da elucidação do movimento da realidade, este pensador vasculha todos os meandros do ser social, percorrendo os caminhos da política, história, filosofia e também da economia. A determinação dos conceitos forjadores da intervenção do homem na natureza e na sociedade levam-no a mergulhar na intrincada relação do binômio liberdade e causalidade, intercalado com a necessidade; gerando um patamar privilegiado de indagações que, necessariamente, desembocariam na formulação do trabalho como posição teleológica.

Hegel⁶ é muito destacado por suas inúmeras contribuições à história do pensamento, porém a importância dos seus estudos econômicos não foi privilegiada, segundo a pesquisa realizada, para a grande maioria de seus estudiosos e comentaristas. Exceção feita ao filósofo Georg Lukács, que coloca no centro de suas preocupações em relação à obra hegeliana, a investigação tanto da economia como da filosofia. Para este pensador, traçar as reflexões econômicas do filósofo germano traz como consequência uma melhor apreciação do seu método e da relação deste com o seu sistema, problemática que reside no coração da dialética tedesca.

Tal itinerário jogaria um pouco mais de luz em importantes controvérsias, destacadamente a relação do pensamento de Hegel com a Ilustração, ou mesmo os debates de sua aproximação com o irracionalismo, como na problemática forma que Dilthey propagou. Mas, talvez, a maior ajuda que viria da pesquisa destas conexões entre a economia e a dialética hegeliana seria contemplar de forma mais rica e detalhada, a relação de Hegel com Marx, tanto no que os une como no que os separa. Esta nasce no meio de várias divergências dentro do pensamento do século XX, pois, de um lado, havia a necessidade de afastar da herança marxiana as teses produzidas pelo

⁵ Sobre HEGEL ver: ADORNO (1971); ARANTES (1981 e 1996); CHÂTELET (1995); HABERMAS (1975); LUKÁCS (1972 e 1979a); KOJÉVE (1947); MARX (1977); ROSENKRANZ (1974).

⁶ Destacamos as seguintes contribuições do filósofo: HEGEL: 1970, 1972 a e b, 1976, 1985 e 1993).

estalinismo, como uma grosseira simplificação, que via o hegelianismo como uma reação feudal contra a Revolução Francesa, como se pronunciou, por exemplo, Zadanov. Por outro lado, era necessário enfrentar o pensamento oficial nas hostes dos defensores da lógica do capital, que propunham a volta ao kantismo, com novas cores, e mais, como superação da confusão estabelecida, segundo Schopenhauer, por Fichte, Schelling e Hegel⁷.

Este quadro de contendas teve como chão fértil o período que viu nascer o imperialismo e suas guerras. As necessidades postas por suas contradições determinaram o renascimento do estudo da filosofia clássica alemã e a volta ao neokantismo não esgotava todas as demandas teóricas e ideológicas. Pois, mesmo mantendo-se o agnosticismo do filósofo de Koingsberg, era necessário tentar mostrar algo renovado; sendo assim o "renascimento" do debate filosófico neste período não é um passo adiante, mas sim o rebaixamento das contribuições hegelianas para uma reconstrução empobrecida de caráter neokantiano.

2. Economia política clássica e dialética

Hegel foi o filósofo que, na sua época e na sua região, obteve uma interessante e profunda análise do movimento francês no período napoleônico. Também estudou a Revolução Industrial ocorrida na Inglaterra, procurando estabelecer as conexões da sua dialética com a economia clássica inglesa⁸. Ao procurar entender os problemas econômicos daquele período avançou na elaboração de sua ontologia. Marx, nos seus escritos de juventude sobre economia política, sinalizou a grandeza da Fenomenologia, do filósofo de Stuttgart, ao conceber o processo de autoprodução do homem tendo na essência o trabalho, ou seja, o homem objetivo, verdadeiro porque real, como produto do seu próprio trabalho. Para o filósofo e economista da práxis, Hegel, na produção da dialética, fruto do idealismo objetivo, iguala-se em importância e profundidade, como contribuição científica, aos formuladores da economia política clássica de matriz inglesa⁹.

⁷ Sobre estes pontos consultar o prólogo a edição espanhola da obra *El Joven Hegel* (LUKÁCS, 1972).

⁸ O século XVIII, durante a Revolução Francesa, conheceu no continente europeu, uma fertilização crescente do pensamento. São bastante conhecidas as indicações marxianas contidas no livro *A Ideologia Alemã*, no qual seus autores MARX&ENGELS mostram que as idéias econômicas receberam dos materialistas franceses uma formulação abstrata, que correspondia às necessidades históricas daquele momento. Hegel foi um pesquisador atento desta efervescência cultural (MARX&ENGELS: 1965).

⁹ Marx mostra ... que a filosofia hegeliana é um movimento mental análogo à economia clássica inglesa. Certo que, enquanto que nesta os concretos problemas das sociedades burguesas apareçam em sua regularidade econômica, Hegel não oferece mais que um reflexo abstrato

Nesse sentido, este pensador segue a tradição dos grandes filósofos desde a Antigüidade, que já prestigiavam as conexões entre filosofia e economia. Sabemos que como Platão e Aristóteles, também Heráclito, passaram por estas questões. Porém, elas não estavam restritas ao mundo grego: no Oriente houve momentos de investigação econômica dentro do pensamento filosófico. Men-Tsé é um dos exemplos citados por Mandel¹⁰.

Shumpeter realizou investigações sobre as origens do pensamento econômico e suas bases filosóficas¹¹. Nas suas páginas lê-se, inclusive, que existe uma situação clássica, quando um resultado analítico, carregado de síntese, traz consigo a longa trajetória da reflexão humana. A recuperação desta observação simboliza, aqui, o esforço em apresentar a importância dos escritos econômicos hegelianos. Trata-se da parte de uma obra na qual os vários séculos aparecem através de um rico material das várias influências, provando a trajetória do pensamento filosófico entrelaçado com as questões ligadas à produção. No mesmo sentido das contribuições anteriores, cabe lembrar, entre outros, os nomes de Hobbes, Petty, Locke, Berkeley, Hume, dentro da escola inglesa, sem esquecer da fisiocracia francesa, com Turgot, Necker e, destacadamente, Quesnay¹².

Tendo o que precede como pano de fundo, a obra hegeliana aparece como síntese desta vasta trajetória do pensamento humano. Porém, uma inflexão torna-se necessária dentro deste contexto, que marca a genialidade tão propalada por vários estudiosos: é o grande passo em direção à teoria do conhecimento, que significa a instauração da dialética no sentido da busca da concreção da análise científica. A incognoscibilidade do em-si torna a sua apreensão possível na determinação das várias componentes do movimento; *essência* e *fenômeno* passam a conviver na sua complexidade, sendo demonstrados enquanto objetos do saber e da práxis.

(idealista) de seus princípios gerais, porém, por outra parte, ele é o único que apreende o caráter dialético deste movimento". (LUKÁCS, 1972:30)

¹⁰ Ver MANDEL, 1969, especialmente o capítulo XVIII.

¹¹ SCHUMPETER (1971). Para a verificação da riqueza do pensamento econômico, gostaríamos de ressaltar, na obra citada, especialmente, na parte segunda - itens 1 e 2 - do primeiro volume, a maneira rica e abrangente pela qual o autor caminha da Antigüidade até a Idade Média, postulando os momentos essenciais do pensamento humano e a problemática da produção - objeto da economia - enquanto momento criador das condições de existência da sociedade humana. Cabe frisar a ênfase dada pelo pensador da história das análises econômicas à reflexão dos escolásticos, suas mediações com o saber econômico e suas influências com o nascimento desta ciência. Infelizmente, o espaço destinado a esta discussão no todo deste texto não comporta um enfrentamento mais profundo do assunto. Porém, é indispensável sinalizar a sua pertinência à compreensão da teoria econômica, assim como as diferentes correntes que se originaram na segunda metade do século XIX. Temos, dentro do pensamento escolástico, ao longo de sua vasta produção, elementos analíticos reveladores da gênese das divergências ocorridas séculos depois.

¹² Com relação aos mercantilistas e fisiocratas, ver: COUTINHO, 1993.

Frente aos argumentos acima, restritos à tradição da era escrita¹³, cabe lembrar que os problemas econômicos acompanharam as indagações dos nossos pensadores ao longo dos séculos. Aqui, não há espaço para o detalhamento desta problemática tão afeita aos historiadores do pensamento econômico. Cada vez mais, novos e relevantes estudos surgem, elucidando esta relação: economia e filosofia, ajudando a aprofundar a compreensão sobre a ciência da produção. Quanto mais profícuo torna-se este estudo, melhor é e será a elucidação dos problemas atuais vividos pela economia política. Como registro, o mencionado, por ora, é suficiente.

Retornando a um dos pontos essenciais deste estudo, é bom frisar que Hegel percorreu várias fases na construção de seu método e do seu sistema¹⁴. A pena lukácsiana destaca dois períodos: o primeiro está circunscrito à sua estadia em Frankfurt (1793-1796), na qual surgem os primeiros estudos econômicos; no segundo, considera a primeira fase em Jena (1801-1803), fase esta em que se dá o desenvolvimento da percepção econômica do filósofo, assim como os seus limites, com destaque para a discussão sobre a categoria da teleologia¹⁵.

Lukács lamenta os escassos recursos com os quais trabalha na reconstituição da obra hegeliana e, com relação aos primeiros estudos econômicos, esta realidade, infelizmente, não é diferente. Parte da culpa, segundo o pensador húngaro, recai na falta de sensibilidade dos discípulos de Hegel para com os problemas econômicos, pois mesmo a discussão que aparece na Fenomenologia não merece registro mais profundo. Com os dados que consegue, o autor de História e Consciência de Classe procura construir um desenho, lembrando de que o atraso alemão joga seu papel na obra analisada, responsável pela marca idealista, "invertida", das conclusões obtidas pelo pensador alemão.

Mas, voltando para o enfoque econômico, como foi dito, Hegel abraça a compreensão do processo britânico. Testemunho disto são os seus extratos dos periódicos ingleses. Nestes, aparece a grande ansiedade que o filósofo seguiu a

¹³O pensamento tem uma longa história escrita e também uma pré-história muda. Para os registros mudos, os arqueólogos e estudiosos da paleontologia em geral fazem as pedras e os ossos falarem e estes ricos momentos engrossam os vastos caminhos, que devem ser vasculhados, para o entendimento da possibilidade da concreção do conhecimento conquistada na era capitalista. Ver: CHILDE, 1971.

¹⁴ Engels escreveu, em 1886 um texto sobre a relação da obra de Feuerbach e o fim da filosofia clássica alemã. Nele, detalha as relações contraditórias entre o método e o sistema de Hegel, evidenciando o lado dinâmico da dialética, forjada pelo idealismo objetivo, sufocada pelo sistema que deveria, necessariamente, chegar a uma resolução final, cujo coroamento foi o estado prussiano. Para maiores detalhes ver: ENGELS, 1975.

¹⁵ A seqüência das inflexões de caráter econômico de Hegel segue a seguinte cronologia utilizada por Lukács: Berna (1793-1796); Frankfurt (1797-1800); Jena (1801-1803) e Jena (1803-1807). Sobre esta questão consultar LUKÁCS, 1972.

discussão sobre os impostos dos pobres e a forma perversa que a aristocracia freava as massas despossuídas. Junto com estas anotações, existe uma descrição intensa do sistema prussiano das prisões. Portanto, Hegel tinha uma preocupação para com as leis da sociedade burguesa e o enfoque da riqueza material¹⁶. Mais ainda, os seus estudos não estavam circunscritos somente à vida econômica, mas avançavam na teoria da economia política¹⁷.

A comprovação desta tese, para Lukács, é o provável estudo realizado pelo autor da *Ciência da Lógica sobre Adam Smith*¹⁸ durante sua estadia em Frankfurt. Como resultado desta investigação, surge a problemática do trabalho como centro da atividade humana; também como a realização da identidade objetividade-subjetividade e, mais, como atividade que supera meramente o "morto" da objetividade. Finalmente, como motor do desenvolvimento, que faz do homem produto de sua própria elaboração prática. Estes pressupostos assumidos de forma tão contundente, explicitam o paralelismo da filosofia hegeliana com a economia clássica inglesa.

É certo que a base documental da relação smithiana com Hegel encontra-se nos manuscritos dos cursos de Jena, no que se refere às afirmações

¹⁶ Hegel formula, de forma explícita, o fato social da antinomia riqueza/pobreza (LUKÁCS, 1972:333).

¹⁷ Rosenkranz, uma das fontes lukácsiana, relata que todas as idéias de Hegel sobre a essência da sociedade civil, sobre a necessidade e o trabalho, assim como sobre a divisão do trabalho e a riqueza dos estamentos, acompanhadas das instituições para os pobres, a polícia e os impostos, entre outros assuntos, concentram-se junto a um comentário sobre a economia de Stuart. São estudos críticos, pois o pensador tedesco não compartilha das idéias mercantilistas steuartianas. Alertamos que a referência a Rosenkraz, por parte de Lukács, é sempre feita com várias ressalvas e, na medida do possível, este autor contempla as informações obtidas com outros especialistas, buscando suprir uma visão considerada estreita do ponto de vista da profundidade da investigação pretendida.

¹⁸ Na produção do saber científico, Adam Smith (1723-1779), filósofo e economista, destaca-se como marco teórico da criação de um ideário próprio da economia. Merece destaque a busca de leis naturais que pudessem explicar o tecido econômico e oferecer a compreensão científica da atividade econômica. Para tal, construiu o *homo economicus* segundo a lógica do mercado, indo ao encontro dos anseios da classe social que representava. O homem smithiano nasce com a alma capitalista, pois aparece no mundo com a propensão natural para trocar. A troca é imanente ao ser social. Homem e troca possuem uma identidade absoluta. A propensão à troca nasce com a humanidade, portanto é um *a-priori* que não precisamos explicar, somente reconhecer. Tem valor axiomático, por isso constitui-se ponto de partida para o seu edifício doutrinário. O reconhecimento da natureza humana comerciante é possível através da fala, órgão que pratica o convencimento do outro e constrói os contratos. Dotado destas qualificações naturais, o homem pode maximizar recursos, ser produtivo no seu relacionamento com a natureza e com os outros homens através da atividade laborativa (posição teleológica). A especialização é a resposta para o desenvolvimento, conseqüentemente, a divisão do trabalho passa a ser a racionalização possível. Cada qual no exercício constante de sua atividade, tenderá, em escala ascendente, a produzir mais e melhor. Sendo assim, está dada a chave para cada indivíduo participar de forma crescente do trabalho de toda a comunidade. Ver: SMITH, 1983.

do economista escocês sobre o desenvolvimento das forças produtivas graças ao princípio da divisão do trabalho. Mas a inferência destacada acima é possível na letra de Lukács, em função do rigor com que recupera toda a trajetória hegeliana e as inúmeras fontes contempladas para justificar esta ousadia.

Avançando um pouco mais e já demarcando o tema em relação ao Hegel do período do Jena, é mister lembrar que o escritor germano não redigiu nenhum tratado de economia política como parte integrante do seu sistema filosófico. Suas concepções econômicas constituem parte de sua filosofia acerca do entendimento da sociedade, mas não constituem um paradigma em si mesmo, complementam o conjunto de suas reflexões. O que mais atrai Hegel nestas investigações é a possibilidade de incorporar os resultados da ciência econômica para o desvelamento dos problemas sociais, aprofundando com isto, o descobrimento das categorias dialéticas ocultas nas relações sociais. É a busca da totalidade destas relações que seduz o pesquisador inquieto da dialética. Nesta época, ainda é possível aos representantes da lógica do capital buscar esta integração. O isolamento em ciências autônomas, nas quais cada disciplina particular recebe um tratamento personalizado¹⁹, já é uma especificidade da fase de decadência ideológica, após as Revoluções Democrático-Burguesas de 1848²⁰.

¹⁹ Seguindo a postura do filósofo húngaro G. Lukács na análise marxiana, a complexidade, assim como a profundidade da contribuição teórica de um determinado autor, está circunscrita à sua possibilidade efetiva de realizar a concreção analítica. Não basta dominar vários campos do saber para atingir esta profundidade. Na crítica da compartimentação da sociologia e da economia como “ciências autônomas”, este filósofo explicitou claramente os seus pressupostos ontológicos - que, para o autor, vão além da postura gnosiológica no campo da análise da ideologia - não deixando margem para dúvidas: “Essa separação liga-se a profundas crises da economia burguesa, nas quais transparece claramente a base social da sociologia: por um lado, temos a dissolução da escola de Ricardo na Inglaterra, quando se começam a extrair conseqüências socialistas da teoria do valor-trabalho dos clássicos; e, por outro, temos a dissolução do socialismo utópico na França, onde se começa a buscar - ainda que somente ao nível das tentativas - o caminho da sociedade para o socialismo, o que não havia constituído objeto de investigação por parte de Saint-Simon e de Fourier. Essas duas crises - e, sobretudo, a resolução de ambas através do surgimento do materialismo histórico e da economia política marxista - põem fim à economia burguesa no sentido dos clássicos, ou seja, no sentido de ciência fundamental para o conhecimento da sociedade. Por um lado, nasce a economia burguesa vulgar e, mais tarde, a chamada economia subjetiva, uma disciplina particular de caráter extremamente especializado, que renuncia desde o início a explicar os fenômenos sociais e considera como sua principal tarefa a de fazer desaparecer da economia política a questão da mais-valia; por outro lado, nasce a sociologia enquanto ciência do espírito desvinculada da economia.” LUKÁCS, Coleção Grandes Cientistas Sociais organizada por José Paulo Netto, São Paulo, Ática, 1981, p. 33. O extrato acima pertence à obra *A destruição da razão*, publicada em 1954; cabe frisar que esta publicação é uma das obras mais discutidas do filósofo marxiano, em razão da contundência de seus desenvolvimentos, formalmente marcados pelas condições ideológicas da Guerra Fria.

²⁰ Lukács, no seu livro *Existencialismo ou Marxismo?*, faz uma análise sobre a fronteira entre a fase revolucionária da burguesia, a sua fase heróica e o início da fase da decadência ideológica

O Pensamento Renascentista e depois o seu herdeiro: o Iluminista, que corresponde à fase heróica da burguesia, a qual consolida o seu poder político nos países da via clássica de objetivação do capitalismo no século XVIII, do ponto de vista epistemológico, têm como disciplinas decisivas a matemática, a geometria e as ciências da natureza, especialmente a física. Neste sentido, a originalidade de Hegel é surpreendente, indo além destes marcos e caminhando na direção da economia política²¹.

A economia na escrita de Hegel avança para além dos contornos dados por Kant e Fichte, como demonstra Lukács. A economia é o modo de aparição mais imediato, primitivo e tangível da atividade social do homem. Nela, porém, desenrolam-se de modo mais fluido as categorias fundamentais da atividade. Desde o período de Frankfurt, ficou evidenciado que a concepção smithiana do trabalho, como categoria central da economia política, tinha produzido em Hegel uma impressão decisiva. A Fenomenologia é o coroamento, com a concepção da autoprodução do homem, da objetivação como desobjetivação e, também, como alienação e desalienação²². Hegel contempla a esfera do trabalho

desta classe; e a fase revolucionária é justamente aquela em que se busca uma visão de totalidade sobre a realidade. Ver: LUKÁCS, 1979b - Cap. I - item 2, "A evolução do pensamento burguês", p. 30-37.

²¹ Kant leu Smith, segundo Lukács, e conseguiu, por isto, uma certa idéia da moderna sociedade burguesa, mas quando aplica os seus conhecimentos para a filosofia da história não chega além de algumas abstratas contraposições.

²² Na viragem ontológica que Marx realiza em relação a Hegel, segundo Lukács, o conceito da alienação é adequado à sua real dimensão: "Neste ponto a crítica de Marx a Hegel é radical e extremamente precisa. Ela contrapõe a originariedade ontológica da objetividade à concepção hegeliana, segundo a qual a objetividade surge da alienação e o seu cumprimento verdadeiro e autêntico só pode ser dado pela superação de toda objetividade: 'Um ente que não tenha um objeto fora de si não é um ente objetivo. Um ente que não seja ele mesmo objeto para um terceiro não tem nenhum ente com seu objeto, isto é, não se comporta objetivamente, o seu ser não é nada objetivo. Um ente não objetivo é um 'não-ente' " (BORGES RODRIGUES, 1990:LVII-LVIII). Alienação, aqui, traduz-se em objetivação do sujeito / objetividade. O estranhamento já seria o momento em que o próprio produto da objetivação se volta contra o sujeito. O autor não aborda, na parte do texto que analisamos, nossa temática, esta questão, pois discutirá o estranhamento num capítulo à parte. Porém, frisa que a origem do estranhamento é a alienação, apesar de que podemos ter a alienação sem o estranhamento. "Uma ligação e bastante íntima existe aí, indubitavelmente: o estranhamento pode originar-se somente da alienação". Pois um objeto, para voltar-se contra o sujeito, antes, tem de ser objetividade. "Mas, quando se enfrenta este problema, nunca se deve esquecer que ontologicamente a origem do estranhamento e da alienação não significam absolutamente que estes dois complexos sejam unívoca e condicionalmente um só: é verdade que determinadas formas de estranhamento podem nascer da alienação, mas esta última pode muito bem existir e operar sem produzir estranhamentos. A identificação entre as duas coisas, tão difundida na filosofia moderna, deriva de Hegel" (BORGES RODRIGUES, 1990:LVII). Para uma melhor compreensão do estranhamento, indicamos a leitura deste tema no filósofo húngaro (LUKÁCS, 1981) no capítulo intitulado: "L'estraniamento".

humano, a esfera da atividade econômica, como o começo e o fundamento da filosofia prática.

Hegel com relação à ciência econômica é um partidário de Adam Smith²³. Antes da aparição da Fenomenologia, nas discussões do sistema da postura ética e nas lições de 1803-1804, há algumas apreciações sobre a economia, porém, sem uma sofisticação maior, como contém a primeira obra citada²⁴.

A filiação do pensador tedesco à escola smithiana está presente, por exemplo, na sua concepção de que o trabalho faz o homem, porque é meio de satisfação de seus desejos, rompendo assim com a imediata relação ser social e natureza. É o processo de “hominização” do indivíduo. Deduz, nesta apreciação dialética do trabalho, o papel da ferramenta. Está consciente de que o aperfeiçoamento técnico do trabalho, através da sua divisão, é também o aperfeiçoamento das ferramentas. Constrói a dialética da universalização do trabalho e deduz o progresso técnico: “Suas exposições sobre a ferramenta e a máquina estão, como é natural, influenciadas até no detalhe por Adam Smith” (LUKÁCS: 1972: 327).²⁵ Destarte, Hegel vê, pois, a economia capitalista tal qual Smith, como um sistema que se desenvolve através da sua própria dinâmica e que consegue superar seus desajustes. Assim sendo, as perturbações têm suas origens em causas externas, eliminando do sistema econômico a possibilidade das crises. É o automovimento de um sistema de atividades humanas. Objetos que movem estas atividades e são movidos pelas mesmas; trata-se, em última instância do processo de alienação como forma da objetivação.

Na determinação do conceito de valor, o escritor germano oscila entre a objetividade e a subjetividade, sem decidir-se em definitivo²⁶. Se de um lado afirma que o valor consiste na igualdade de uma coisa com outra, na abstração dessa igualdade como critério ideal e como preço no plano empírico, ou seja, o

²³ Com relação às origens do pensamento smithiano e sua importância para a história do pensamento econômico, ver BIANCHI, 1988.

²⁴ Outra faceta a ser iluminada é a forma de tríade dialética, presente nas discussões acerca das categorias econômicas. Primeiramente temos: necessidade-trabalho-gozo, evoluindo para: trabalho-posseção-gozo.

²⁵ “Estas considerações de Hegel representam uma altura extraordinária de compreensão do movimento do capitalismo naquela época, e ainda mais para um alemão. E é impossível censurá-lo por ter visto o capitalismo como a única forma social possível, que haja identificado a máquina no seio da divisão do trabalho como a função da máquina em geral. Antes, ao contrário, há que sublinhar que Hegel evidencia aqui o mesmo olhar generoso e compreensivo que encontramos nos clássicos da economia política, em Smith e em Ricardo: Hegel vê a progressividade do movimento geral do desenvolvimento das forças produtivas do capitalismo” (LUKÁCS: 1972: 329).

²⁶ Para uma instigante discussão sobre a dialética envolvendo as reflexões dos dois pensadores alemães, Hegel e Marx, consultar: FAUSTO, 1997.

valor é igualdade como abstração. Por outro lado diz que o valor é a opinião que se possa ter de uma coisa ou da coisa-em-si. Mesmo assim, de forma contraditória, é notável o amadurecimento que as categorias filosóficas conhecem no contato com a teoria econômica nascente. E no centro destas investigações reconhecemos a conceituação da teleologia²⁷.

A mais imediata decorrência desta discussão é a correta determinação da finalidade como atividade humana prática, superando a separação mecânica da teoria e prática do idealismo subjetivo. Aqui, também, surge a ligação da teleologia do trabalho com as mediações que unem prática humana com progresso social. Está aberta uma passagem muito especial, que pode jogar um pouco mais de luz na busca da explicação do mundo por ele mesmo.

Desta perspectiva Hegel demonstra, em função das categorias da ação proporcionadas pela economia, um novo ângulo da visão sobre a liberdade como consciência e compreensão da necessidade. O conhecimento das leis causais é a possibilidade de fazê-las trabalhar para a obtenção de determinados fins. Lukács afirma que o par dialético liberdade/necessidade recebe em Hegel uma concreção, graças ao procedimento de tratá-lo como uma determinada conexão histórico-social. A luta de Hegel contra o idealismo subjetivo no terreno da ética é, antes de tudo, a crítica ao abstrato isolamento da liberdade separada da realidade. Ao converter o indivíduo e sua individualidade em fundamento do desvendamento da sociedade moderna e tentar concebê-lo com a ajuda das categorias da economia clássica, mostra a totalidade do movimento da sociedade como produto das atividades particulares (causais) dos indivíduos. Em harmonia com Adam Smith concebe necessidade e causalidade como temas fundamentais para a ciência. Todo este itinerário foi possível porque as concepções históricas de Hegel sobre a sociedade capitalista vão além da miséria alemã e avançam para os cenários revolucionários da França e da Inglaterra.

3. Retórica e ideologia: uma abordagem ontológica

Tendo como pano de fundo as discussões presentes até este momento no texto, busca-se, agora, um aprofundamento analítico na relação da retórica com a ideologia. Os diferentes pesquisadores sociais, que foram reconhecidos na história do pensamento como nomes relevantes, eram, tendencialmente,

²⁷ A nova formulação da teleologia aparece em Hegel em relação com o problema do trabalho e da ferramenta, o homem vai conhecendo cada vez mais profundamente as conexões causais da natureza para fazer que esta trabalhe para ele (LUKÁCS, 1972: 341-342 e 1977).

intelectuais engajados nas lutas de seu tempo. Dentro dos vários campos do saber, nos quais todas as grandes discussões aparecem, fascina os debates sobre a possibilidade efetiva do conhecimento verdadeiro, essencial. Está sem dúvida foi a tônica das obras hegeliana e marxiana.

Para se entende melhor a própria trajetória de Hegel e de Marx, buscou-se a gênese da epistemologia moderna, no berço do capitalismo comercial, com o aparecimento do empirismo e do racionalismo, indo ao encontro de sua síntese na dialética tedesca na Idade Contemporânea. E, na sua contraface, reconhecemos a fenomenologia como proposta de rediscussão da metafísica e suas certezas, propondo um novo talhamento do olhar gnosiológico, contemplando o relativismo do saber.

Esse será o itinerário seguido para a abordagem da relação entre a retórica e a ideologia – conceitos que trazem o canto das sereias no debate econômico atual, em sua relação com a epistemologia – como, também, o caminho através do qual apresentaremos algumas reflexões surgidas da práxis acadêmica em seu cotidiano, referentes a alguns autores que introduziram essas preocupações junto à teoria econômica.

Arida destaca-se e torna-se menção obrigatória no cenário nacional. Nesse sentido, suas publicações abrem um espaço para retomarmos questões tão pertinentes ao campo da ciência econômica. Este autor deixa claro, nas suas argumentações, por um lado, como ganharíamos em qualidade se fôssemos para além das noções tradicionais da fronteira do conhecimento, e, por outro lado, como avançaríamos para uma nova síntese epistemológica se abordássemos a história do pensamento econômico como um rico cenário das controvérsias e de buscas de soluções para as questões da teoria econômica e não, simplesmente, como uma postura hermenêutica, circunscrita à análise imanente dos textos, sem contemplá-los com o seu contexto histórico e com a sua desconstrução (ARIDA *in* REGO, 1996:11-46).

Aqui, o texto enfoca a retórica, na sua interface com a ideologia, pois, segundo o ponto de vista assumido neste texto, o segundo conceito alarga, de maneira substantiva, a compreensão do primeiro, revelando que as controvérsias são acompanhadas dos interesses econômico-sociais dos diferentes grupos envolvidos no debate, afastando definitivamente a possibilidade da neutralidade, como confortável biombo para os “cientistas puros”. Trata-se de desnudar os discursos e revelar os seus pressupostos, determinando, em última instância, sua angulação social.

Por que essa temática seduz tanto? A problemática que envolve o aspecto econômico da realidade social sempre foi preocupação dos homens desde os primórdios de sua existência. Há várias contribuições – dentro das diferentes linhas teóricas – de pensadores que se debruçaram e debruçam

sobre o tema da produção e reprodução da vida humana, corroborando tal fascínio. A ciência econômica nasce como disciplina particular no bojo do modo de produção capitalista. Esse nascimento dá-se a partir da divisão do trabalho também no plano do saber, gerado pela complexidade do ser social, que, cada vez mais, necessita dar conta de um mundo em desenvolvimento.

Mas essa ciência teve uma longa pré-história. Dos registros mudos — pelos quais os arqueólogos fazem as pedras falarem — aos primeiros documentos da era literária, estão presentes as indagações e buscas de soluções para as questões econômicas. As respostas formuladas refletem o próprio desenvolvimento contraditório da história social. Após o capitalismo industrial, é marcante o grau de expansão desse desenvolvimento. Sendo assim, cada vez mais houve a necessidade da criação de um discurso próprio ao tecido econômico. A expansão do capitalismo gerou caminhos próprios de sua construção em cada local. Porém, esses caminhos não negaram a sua origem; ao contrário, trazem a marca do universal, reproduzindo-o com suas especificidades. É um movimento crescente de mundialização, no qual todo e partes interagem, movidos a partir de pólos hegemônicos e elos dependentes (BORGES, 1996).

A práxis humana, na sua materialidade e no seu reflexo cognitivo, representada pelas posições teleológicas, é a síntese de todo esse movimento. Ao percorrermos a formação da ciência econômica, encontramos, no seu centro, a problemática da construção do capitalismo industrial. E, em última instância, o que diferencia as linhas que abraçam o estudo da economia é a forma como entendem a relação economia e realidade social. Isolada dentro do próprio objeto como fator econômico e autônomo em relação aos demais, ou como momento constitutivo da totalidade concreta em um movimento contraditório, em que determinante e determinado interagem e se influenciam reciprocamente. Dentro desse complexo movimento, torna-se imperativo persuadir os agentes econômicos dos processos em curso, ou seja, lutar para obter a hegemonia do grupo representado pelo pensamento produzido. Nessa hora tão importante, a retórica, como discurso portador dos mecanismos necessários para influenciar as decisões dos indivíduos, joga toda a sua força e mostra a sua eficácia. Tal poder é conhecido desde os antigos pensadores até os contemporâneos.

Assim, contemplando a pena lukácsiana nesse debate, procurou-se mediar os momentos da ideologia e da retórica, como faces da mesma moeda, no jogo da sedução dos diferentes ideários, para direcionar os anseios da sociedade na direção da teleologia do grupo social, que se mostra como portador da proposta universal em cada luta social empreendida.

Francis Bacon, indicado como elo de ligação entre o pensamento antigo e o moderno, é visto por alguns como o arauto da ciência moderna e, por outros, como o seu efetivo mentor. Mas, para além das divergências, é inegável a sua marca na gnosiologia moderna, com destaque, dentro do enfoque de nossas discussões, para a problemática dos ídolos como obstáculos à ciência.

Bacon reclama que os filósofos não voltaram os seus olhos, até aquele momento, para a construção de uma ciência que objetivasse a ação prática para o benefício do homem. Sensibilizado diante dessa tarefa histórica, propõe-se a dar um passo nessa direção e, num primeiro momento, põe-se a investigar as causas desse comportamento pouco operacional dos produtores do saber científico. Como consequência, defende que o homem, para chegar à práxis, necessita eliminar as falsas idéias: “Os ídolos e as noções falsas que ora ocupam o intelecto humano e nele acham implantados não somente o obstruem, a ponto de ser difícil o acesso à verdade, como, mesmo depois de seu pórtico logrado e descerrado, ressurgirão como obstáculo à própria instauração das ciências, a não ser que os homens, já precavidos contra eles, se cuidem o mais que possam” (BACON, 1985 :IX). Obtido o antídoto através do método experimental, o homem passa a caminhar rumo ao conhecimento objetivo.

Já Descartes optou por outra direção na busca do seu método; encontra na razão — que as matemáticas encarnavam de maneira exemplar —, os recursos para a recuperação da certeza científica. Porém, almeja a totalidade, quer ir além das ciências exatas e compor com elas as discussões filosóficas do seu tempo. Para tal, avança na defesa da intuição como caminho para se chegar à essência. Acredita na possibilidade de o pensamento conter a verdade reproduzindo, na idéia, a substância. O papel fundamental do cogito, na análise de Descartes, é duplo nos seus desdobramentos: por um lado, ele coloca-se como referência para as intuições que ocorrerão na compreensão do real, ou seja, tudo que for dito terá de ser feito mediante a evidência do enunciado: “penso, existo”; por outro lado, o cogito reflete a esfera metafísica, pois significa a presença, através do pensamento de uma substância. Conseqüentemente, o “penso, logo existo” é reconhecer o existir racionalmente, acima de tudo como existir conforme coisa pensante. Do pensar ao ser pensante, consubstancia-se, através da exigência de clareza e evidência, a interação da subjetividade com a objetividade. Também, como Bacon, Descartes criou um imenso debate ao redor das suas idéias e, principalmente, de sua metafísica (DESCARTES, 1983: VIII)²⁸.

Já a obra kantiana apresenta-se não apenas como ponto de confluência do pensamento filosófico anterior, como também fonte de inspiração para a maior parte das reflexões dos séculos posteriores à Revolução Francesa até os dias atuais. O filósofo de Koinigsberg desejou estabelecer a síntese dos

²⁸ Para a História da Filosofia Moderna ver: ROVIGHI, 1999.

problemas filosóficos de seu tempo, porém, só a pena hegeliana a faria²⁹. Mas Kant estabeleceu, com grande esforço, o balanço da filosofia de seu tempo. Segundo Lucien Goldmann, ele colocou no centro do seu pensamento o homem e a comunidade humana, aprofundando as questões mais pertinentes da filosofia moderna. Por exemplo, debateu o par filosófico egoísmo versus pluralismo, nas suas dimensões lógica, estética e prática (GOLDMANN, 1967). Destarte, Kant construiu uma obra que nos coloca diante da Filosofia Iluminista com os seus avanços e limites, à espera da dialética da essência culminada com a influência de Smith (1983) e sua teoria do valor trabalho na filosofia hegeliana, como vimos na Parte I.

Tendo as reflexões anteriores como pressuposto do olhar analítico, salta aos olhos a viagem do universal-singular, mediada pela particularidade a partir da análise marxiana. Explicitando melhor: a categoria filosófica da universalidade dá-nos a primeira aproximação, a própria linguagem é universal. Quando um objeto qualquer é mencionado, tem-se o conceito universal, ele refere-se a todas as suas formas e não a uma específica. Porém a singularidade é muda, então, o objeto, na sua singularidade muda, só fala através da universalidade. Mas ainda é necessário determinar a sua especificidade. Isto só é possível através do caminho da particularidade, que é, em última instância, o universal determinado. O objeto investigado, com as suas características universais determinadas, revela a sua forma de inserção no mundo. O particular é a síntese do universal com o singular. É o caminho para a diferenciação. E, desde cedo, os filósofos da práxis, nas lentes marxianas, colocam a importância em destacar este procedimento (LUKÁCS, 1978).

Na base desse discurso aparece a história como instrumento do conhecimento de diferentes visões de mundo. Françoise Dosse indica, através da evolução dos caminhos que a ciência da história percorreu na França, quão importante foi a sua consolidação como área específica. Segundo ele: "Clio torna-se musa inspiradora de um público cada vez maior e mais ávido por saber sobre o seu passado ... a história que se consome tornou-se recurso ... para

²⁹ Kant enfrentou os principais problemas de seu tempo. Destacaremos dois, matrizes de inúmeros outros. O primeiro diz respeito à gnose, seus contornos e os campos de aplicação. Com relação a essas indagações, o pensamento filosófico contemporâneo, desde o seu início, defronta-se com duas áreas do saber: a matemática e a física. A segunda grande questão, que sintetiza o universo das idéias ao tempo de Kant, é o problema da ação humana e sua consequência moral, entendida como um imperativo categórico. Trata-se de agir a partir das necessidades humanas e estabelecer os liames com a liberdade, de como proceder para obter a felicidade ou alcançar o bem supremo. Essa área da reflexão filosófica e sua oposição à razão apenas cognitiva foram reveladas a Kant sobretudo pelas contribuições rousseauianas, que edificou uma filosofia da liberdade (KANT, 1985: VII-XIX)

preencher os vazios, para romper o isolamento dos subúrbios do passado sem memória" (DOSSE, 1992:13-14).

Depois dessas passadas, e a partir de todas essas contribuições, é impossível não reconhecer a diversidade dos posicionamentos sociais diante do saber. Os ricos discursos aparecem como objeto de reflexão diante da intrincada problemática da possibilidade ou não do conhecimento verdadeiro. Prova disso é a penetração crescente das posturas fenomenológicas no campo científico. Nesse sentido, para completar o quadro das divergências, a fala de Critelli, em *Analítica do Sentido*, sinaliza a contramão em relação às afirmações metafísicas desde a Idade Moderna. "Uma discussão a respeito do método de conhecimento reproduz, inevitavelmente, a discussão de suas questões filosóficas: o ser e a verdade. A interrogação básica desta discussão é o interesse em se saber e delimitar, entre outros, o melhor caminho, o ângulo mais adequado, a forma mais plausível de se captar e expressar, verdadeiramente, o que são e como são as coisas". E mais adiante nos mostra que: "A interpretação fenomenológica não expressa senão o que, sob seu ponto de vista é apenas um ponto de vista; uma perspectiva é apenas uma perspectiva entre outras. E é como perspectiva relativa e provisória que a fenomenologia mesma se autocompreende" (CRITELLI, 1996:12-13).

Como antítese dessa visão, nota-se as colocações marxianas, que reafirmam a objetividade do conhecimento. Herdeiras da tradição iluminista, reconhecem o papel ativo da razão. Agnes Heller (1980), no seu livro *O Homem no Renascimento*, dá várias pistas do poder de transformação da práxis. São teses que retomam o projeto grego na Antigüidade e avançam na busca essencial do saber, procurando, no devir histórico, a superação do reino da necessidade na construção do reino da liberdade (MARX: 1972).

Aqui caberia lembrar a imagem, muito a gosto de alguns renomados filósofos, da importância de os anões subirem sobre os ombros de gigantes pensadores, para olhar mais longe. Nessa direção, buscando um fecho para tantas controvérsias, o texto avança junto com Châtelet (1995), em seu livro sobre Hegel, e navega nas águas da síntese do empirismo versus racionalismo, proposta pelo filósofo alemão do século XIX, como resolução da visão trágica de mundo kantiana, da impossibilidade de se chegar à essência, mesmo não abrindo mão da procura do caminho.

Como já mencionado acima, Goldmann, na sua obra sobre Kant (1967), aponta o filósofo alemão de uma maneira especial, para além da problemática da comunidade humana. Cabe, agora, frisar o movimento pendular entre a dialética e metafísica; e será Hegel, nas suas reflexões, que oferecerá a solução. Porém, é uma solução de caráter idealista, que segundo Lukács (1978), é resolvida na virada ontológica já presente no jovem Marx. Tal questão é

associada aos pares dialéticos todo e parte, fenômeno e essência, na esteira hegeliana, a partir da análise histórica. Porém, na dialética marxiana, não mais a história do espírito absoluto que se alienou e se transformou em natureza e, é claro, na própria história. Mas a dos homens reais que comem, bebem e moram em circunstâncias dadas, portanto, eles produzem a vida material, objeto central da economia política.

Tal problemática enlaça-se, na seqüência, com a ideologia presente nas posições teleológicas secundárias. Nesse momento a mediação com a retórica é inevitável, pois, segundo Lukács, a função da ideologia é influenciar as ações dos homens na história; tal função é cumprida, também, pela retórica. E mais, no universo privilegiado da economia, no qual estão em jogo a produção e reprodução da existência, portanto a sobrevivência da sociedade, ideologia e retórica agem fluentemente. São as motivações mais primitivas que, de saída, aparecem e impulsionam o discurso a cumprir o seu papel sedutor.

É importante ressaltar que a consciência espelha a realidade e fornece os instrumentos para a intervenção do homem. Logo, a consciência tem um poder real diante do ser. É uma força ativa do ser social - um instrumento de transformação através do trabalho, do homem e da natureza - na construção da sociedade. O surgimento do ser social é simultâneo ao aparecimento do trabalho, da linguagem, da cooperação, da divisão do trabalho e da consciência - entendidos como o momento ideal consubstanciado na posição teleológica. As posições teleológicas têm a mesma estrutura e dinâmica, as decisões alternativas, ou seja, uma estrutura unitária, mas atingem finalidades específicas. Elas constituem posições teleológicas primárias - contidas no trabalho - que se destinam ao intercâmbio orgânico com a natureza. E as posições teleológicas secundárias - direcionadas à consciência de outros homens - são as posições práticas mediatizadas, produzidas pela divisão social do trabalho, as quais carregam consigo um caráter teleológico causal. Estas posições não pertencem à esfera do trabalho, mas atuam na manutenção e reprodução econômicas da sociedade e no seu desenvolvimento global. Pode-se dizer, então, que os atos sociais realizam-se através de decisões alternativas, visto que, cada vez que o homem empreende um projeto, tem que se decidir afirmativa ou negativamente diante do mesmo. Tais procedimentos aparecem de maneira rica e diversa na ideologia e na retórica. Só para pinçar alguns exemplos, lembramos Copérnico e Darwin³⁰.

³⁰ “A astronomia heliocêntrica ou a doutrina evolucionista no campo da vida orgânica são teorias científicas, deixando de lado sua correção ou falsidade, e nem isso enquanto tais, nem o repúdio ou acolhimento delas constituem em si ideologia. Somente quando, com Galileu e Darwin em seus confrontos sociais, elas — em tal contexto — operam como ideologia’. ... Ou seja `exatamente ser ideologia não é uma qualidade social fixa deste ou daquele produto espiritual, mas, ao invés, por sua natureza ontológica é uma função social, não uma espécie de ser’. (...) falar

As carências, as necessidades humanas exercem pressões sobre os indivíduos e, conseqüentemente, eles tomam decisões numa dada direção. Esta escolha está circunscrita a um leque de possibilidades reais, sendo que, diante delas, os homens escolhem e agem; caso contrário, correm o risco de arruinarem-se. Em última instância, os homens atuam, dirigem suas ações no sentido de não comprometerem a sua existência.

Para concluir esse ponto é mister lembrar que as posições teleológicas expressam todas as relações humanas, desde o trabalho e a linguagem até as objetivações do mais alto valor. É a partir delas que entendemos o conhecimento humano. A relação sujeito-objeto, enquanto relação típica do homem, é uma inter-relação entre o sujeito e o objeto - e vice-versa -, na qual nenhuma das duas componentes pode ser vista separadamente.

Lukács, tendo como pressuposto esta forma de enfrentar a problemática do saber, explicita que a ideologia, compreendida nos seus devidos termos, deve ser enxergada a partir de sua caracterização ampla³¹ e restrita, que ultrapassa os limites vulgarmente atribuídos a ela. Portanto, esta categoria apresenta-se como uma ferramenta do homem para atuar nos conflitos sociais de forma ampliada e tentar dirimi-los. Sua função social conhece, na reflexão lukácsiana, um raio maior de ação do que costumamos reconhecer na maioria dos textos que versam sobre o tema.

Percebe-se nas projeções lukácsianas sobre a ideologia, espelhamentos das investigações sobre a retórica, enquanto manifestação da teoria do conhecimento. Os cientistas, em geral, e os economistas, em particular, produzem suas análises e teorias dentro do contexto histórico das necessidades sociais alimentando as controvérsias: a pluralidade dos discursos é uma marca da ciência em todos os tempos.

Neste sentido, é importante ressaltar, ainda, na linha de delimitação do procedimento assumido neste estudo, que “para Lukács a condição eventual de um produto ser falsa consciência não identifica um pensamento à ideologia, ou como afirma o próprio autor: ‘a correção ou a falsidade não bastam para fazer de uma opinião ideologia. Nem uma opinião individual correta ou errônea são em si e por si uma ideologia: pode, somente, vir a sê-lo’. Algo, portanto, se transforma em ideologia, não nasce necessariamente ideologia, e essa

de ideologia em termos ontológico-práticos significa, portanto, analisar este fenômeno essencialmente pela função social que desempenha, ou seja, enquanto veículo de conscientização e prévia-ideação da prática social dos homens (VAISMAN, 1989:420).

³¹ Para Lukács a ideologia é uma manifestação da cultura humana não estando restrita somente à luta de classes. Portanto, classifica-a como ampla e restrita. Na forma ampla está presente desde a era primitiva e atua para equacionar e regular a cooperação entre os membros da comunidade através de normas de generalização, que não, necessariamente, envolva antagonismos ou conflitos. Na acepção restrita da ideologia, o filósofo húngaro circunscreve-a à luta de classes.

transformação depende de vir a desempenhar uma função precisa junto às lutas sociais em qualquer nível destas” (VAISMAN, 1988:420).

Algo, portanto, se transforma em ideologia, não nasce necessariamente ideologia, e essa transformação depende de vir a desempenhar uma função precisa junto às lutas sociais em qualquer nível destas” (VAISMAN, 1988:420).

No entanto, pode-se afirmar com segurança, a partir da análise luckásiana, que a maior parte das manifestações ideológicas baseia-se em fundamentações que não suportam a uma autêntica crítica no plano da gnosiologia, no sentido mais rigoroso deste conceito. Sempre lembrando que se trata, aqui, da crítica da falsa consciência, segundo a indicação do autor da Ontologia do Ser Social.

O filósofo húngaro apontou, em vários momentos desta discussão, a existência de muitas formulações que constituem falsa consciência e que nunca se tornaram ideologia. Lembrou-nos, também, que as manifestações ideológicas não são sempre idênticas à falsa consciência. Sendo assim, ele afirma, na sua obra mencionada linhas atrás, que uma verdade objetiva pode ser usada como meio para dirimir conflitos sociais e, portanto, tornar-se ideologia.

Com base nestas formulações, é mister considerar as limitações do critério gnosiológico. Pois, a partir deste ponto de vista - o critério gnosiológico - é possível determinar se uma idéia é falsa ou verdadeira, mas não se esta pode ou não se tornar ideologia. A verificação, em última instância, só poderá ocorrer utilizando-se o critério ontológico-prático, ou seja, segundo Lukács, analisando-se a função que esta idéia desempenha na vida cotidiana efetiva.

Referências bibliográficas

- ADORNO, T. **Tre Studi su Hegel**. Bolonha, Il Mulino, 1971.
- ARANTES, P. E. **Hegel, a ordem do tempo**. São Paulo, Polis, 1981.
- _____. **Ressentimento da dialética: dialética e experiência intelectual em Hegel: antigos estudos sobre o abc da miséria alemã**. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1996.
- BACON. **Os pensadores**. São Paulo: Abril Cultural, 1984.
- BIANCHI, A. M. **A pré-história da economia - de Maquiavel a Adam Smith**. São Paulo, Hucitec, 1988.
- BLAUG, M. **Metodologia da economia ou como os economistas explicam**. São Paulo: EDUSP, 1993.
- BORGES RODRIGUES, M. A. **A Determinação do ‘Momento Ideal’ na Ontologia de G. Lukács**. Tese de Mestrado. São Paulo. PUC, 1990. Tradução em anexo, p. XLII-XLIII.

Maria Angélica Borges

- BORGES, M. A. **Eugênio Gudín: capitalismo e neoliberalismo**. São Paulo, EDUC/Bienal/FAPESP, 1996.
- COUTINHO, M. C. **Lições de economia política clássica**. São Paulo HUCITEC / UNICAMP, 1993.
- CRITELLI, D. M. **Analítica do sentido: uma aproximação e interpretação do real de orientação fenomenológica**. São Paulo: EDUC:Brasiliense, 1996.
- CHÂTELET, F. **Hegel**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1999.
- CHILDE, G. **A evolução cultural do homem**. São Paulo, Zahar, 1971.
- DESCARTES. **Os pensadores**. São Paulo: Abril Cultural, 1984.
- DOSSE, F. **A história em migalhas: dos Annalles à nova história**. São Paulo: Ensaio, Campinas, SP: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1992.
- ENGELS, F. Feuerbach e o fim da filosofia clássica alemã. In: Carlos Marx & Frederico Engels. **Obras escogidas**. Madri. Editorial Fundamentos, 1975. Tomo II.
- FAUSTO, R. **Dialética marxista, dialética hegeliana: a produção capitalista como circulação simples**. Rio de Janeiro, Paz e Terra; São Paulo, Brasiliense, 1997.
- GOLDMANN, L. **Origem da dialética: a comunidade humana e o universo de Kant**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.
- HABERMAS, J. **Théorie et pratique**. Paris, Payot, 1975.
- HEGEL. **Encyclopédie des sciences philosophiques, I, la science de la logique**. Paris, Vrin, 1970.
- _____. **Leçons sur l'histoire de la philosophie**. Paris, Vrin, 1972a.
- _____. **Science de la logique**. Paris, Aubier-Montaigne, 1972b. T.I-1, 1976 T. I-2 e 1981. T. II.
- _____. **Phénoménologie de l'esprit**. Paris, Gallimard, 1993.
- _____. **Os Pensadores**. São Paulo, Abril Cultural, 1985.
- HELLER, A. **El hombre del renacimiento**. Barcelona: Ediciones Península, 1980.
- KANT. **Os pensadores**. São Paulo: Abril Cultural, 1985.
- KOJÈVE, A. **Introduction à la lecture de Hegel**. Paris, Gallimard, 1947.
- LETIZIA, V. **A difícil construção do saber econômico**. Capturado no site: <http://lusomarx.cjb.net/> em 22 de setembro de 2005.
- LUKÁCS, G. **El joven Hegel**. Barcelona-México, Grijalbo, 1972.
- _____. **As bases ontológicas do pensamento e da atividade do homem**. **Temas**. São Paulo, Grijalbo, 1977.

- _____. **Introdução a uma estética marxista: sobre a categoria da particularidade.** RJ: Civilização Brasileira, 1978.
- _____. **A verdadeira e a falsa ontologia de Hegel.** São Paulo, LECH, 1979a.
- _____. **Existencialismo ou marxismo?** São Paulo, LECH, 1979b.
- _____. **Coleção Grandes Cientistas Sociais.** Organizada por José Paulo Netto, São Paulo, Ática, 1981.
- MANDEL, E. **Tratado de economia marxista.** México: Ediciones Era, Tomo II, 1969.
- MARX, K. & ENGELS F. **Oeuvres: Economie.** Paris, Gallimard, 1965.
- _____. **Critique des Programmes de Gotha et d'Erfurt.** Paris: Sociales, 1972.
- REGO, J. M (org.) **Retórica na economia.** São Paulo: Editora 34, 1996.
- ROSENKRANZ, K. **Vita di Hegel.** Florença, Mondadori, 1974.
- ROVIGHI, S. V. **História da filosofia moderna: da revolução científica a Hegel.** São Paulo: Loyola, 1999.
- _____. **História da filosofia contemporânea.** São Paulo: Loyola, 1999.
- SCUMPETER, J. A. **História del analisis económico.** México: Fondo de Cultura Económica, 1971.
- SMITH, A. **A riqueza das nações: investigação sobre sua natureza e suas causas.** Os economistas. São Paulo, Abril Cultural, 1983.
- VAISMAN, E. **A ideologia e sua determinação ontológica.** SP: Ensaio, 1988.